PIO & MÁRIO

diálogo da vida inteira

A correspondência
entre o fazendeiro Pio Lourenço Corrêa
e Mário de Andrade
1917 ❁ 1945

Traços biográficos ***Antonio Candido*** | *Introdução* ***Gilda de Mello e Souza***

Estabelecimento do texto e notas
Denise Guaranha

Estabelecimento do texto, das datas e revisão ortográfica
Tatiana Longo Figueiredo

Edições SESC SP | São Paulo
Ouro sobre Azul | Rio de Janeiro
❁ 2009 ❁



Rua 9 de Julho, antiga rua do Comércio. Araraquara, por volta de 1908.

❁ ELOGIO DA MEMÓRIA ❁

As memórias são assim mesmo – crescem sempre, durante a vida.
Não persistem apenas – crescem.
Pio Lourenço Corrêa a **Mário de Andrade**

❁ Mário de Andrade foi um infatigável escritor de cartas. Se ainda vivo, é bem provável que passasse horas em frente ao computador enviando e-mails. Ou melhor, como um dos expoentes do Modernismo brasileiro, enviaria milhares de "correios eletrônicos". Diferente da escassez de palavras, da enxurrada de abreviações, dos espantosos laconismos possíveis do pouco dizer de hoje em dia, o autor do preguiçoso *Macunaíma* deitaria nas telas reluzentes do futuro uma torrente de frases e idéias que vagariam soltas, colorindo a fantasmagórica virtualidade de nossos tempos corridos e quase afônicos.

❁ Independente do suporte técnico que acompanha as correspondências no decorrer dos anos, a epistolografia sempre foi importante fonte de estudos, seja para se entender o contexto de uma época, seja para desvendar o processo criativo de um artista, seja para tantas outras coisas. Com Mário de Andrade, esta relevância toma dimensões gigantescas. Passava horas escrevendo aos amigos, e adorava fazê-lo. Dentro de um processo de escrita, corresponder-se com os que lhe eram próximos poderia significar também a busca de uma liberdade na conjuntura política, intelectual e artística por onde transitava.

❁ As cartas e bilhetes trocados entre Mário de Andrade e Pio Lourenço Corrêa, a partir de 1917, conferem um tom diferente no rol de correspondências do escritor paulistano. Tornam-se elementos preciosos para o entendimento de uma vida intimamente cotidiana ao não se concentrarem necessariamente em discussões e reflexões artísticas, políticas ou didáticas, embora tais temas perpassem os assuntos entre o mestre Pio e o pupilo Mário.

❁ O que prevalece neste rico conjunto de missivas é o surpreendente elogio à memória. São "gestos" imperceptíveis de amor e amizade:

> O que posso lhe oferecer em troco do presente valioso é mesmo só isso, umas palavras carinhosas. | De Mário de Andrade para Pio Lourenço Corrêa

❁ São as febres do corpo e da mente, sujeitos aos cuidados da infância; são as terras muitas nos trilhos da Araraquarense, no chão de uma chácara, na vontade de um macuco. Podem trazer os freios das morais, mas pelo carroção que carrega os desejos deixa escorrer pelas tábuas soltas do tempo uma pureza que nem as Musas – filhas da deusa Memória – conseguem conter.

❁ Sim, as memórias crescem, no decorrer da vida se avolumam em número e tamanho, tornam-se por vezes tão gigantescas que não conseguimos mais, à moda de Álvaro de Campos, trazer o passado roubado na algibeira. Entretanto, entre o dito e o não-dito, entre o sonhado e o feito, na neblina do encontro e no concreto das despedidas, *Pio & Mário* – diálogo da vida inteira é mais uma gaveta que se abre e nos apresenta, com encanto e beleza, que a vida plena é feita de presente, futuro e reminiscências.

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do SESC São Paulo | 2009

ÍNDICE

9 ❁ *Antonio Candido* *Traços biográficos*

15 ❁ *Gilda de Mello e Souza*
O arcaico e o moderno: história de uma amizade

❁ *A correspondência*

1917 | 32 a 41 ❁ 1921 | 42 a 51 ❁ 1922 | 52 a 63 ❁ 1923 | 64 a 77

1925 | 78 a 87 ❁ 1926 | 88 a 97 ❁ 1927 | 98 a 133 ❁ 1928 | 134 a 149 ❁ 1929 | 150 a 157

1930 | 158 a 179 ❁ 1931 | 180 a 215 ❁ 1932 | 216 a 227

1933 | 228 a 245 ❁ 1934 | 246 a 269 ❁ 1935 | 270 a 291 ❁ 1936 | 292 a 303

1937 | 304 a 313 ❁ 1938 | 314 a 321 ❁ 1939 | 322 a 327

1940 | 328 a 339 ❁ 1941 | 340 a 355 ❁ 1942 | 356 a 391 ❁ 1943 | 392 a 409

1944 | 410 a 415 ❁ 1945 | 416 a 420

421 ❁ *Agradecimentos*

422 ❁ *Identificação da iconografia*

❁

Araraquara, 21 de agosto de 1917 ❁ Pio Lourenço a Mário



Mário de Andrade no ano em que publica Há uma gota de sangue em cada poema, *seu primeiro livro. São Paulo, 1917.*

1 ❁ (PLC)

Araraquara, 21 de agosto de 1917.

Mário:

1917 Ora o meu tribunal!... O meu pobre tribunal!... Eu não tenho voto na matéria, quanto mais tribunal; parece-me até que há nos infinitos recônditos do cérebro humano um só engaste para as pérolas da música e da poesia, e que esse engaste, muito pequenino no meu pobre cérebro, eu o quebrei aos oito anos, num desastre de peraltagem. Perdi então o tribunal, perdi o voto: não há que temer.[1]

E que houvesse! Eu sou o tio Pio, eu sou o amigo do Papai.[2] O Papai, em longos anos de convivência que eu vivo e viverei revivendo, obliterou em mim o livre exame para examinar essas coisas, quando elas vêm do Carlinhos,[3] do Mário ou da Lourdes.[4] Eu me sinto perfeitamente suspeito: é como se houvesse de emitir juízo sobre obra minha. V. é poeta, tem as fibras sentimentais muito vibráteis, V. me compreende.[5]

Mas eu sei que o autor tem pela sua obra um sentimento quase paternal. Ele gosta que os outros, inda os profanos e incompetentes, digam dela o que pensam, porque isso importa saber que a obra foi lida, talvez relida, talvez acariciada pelo calorzinho do travesseiro uma noite ou várias noites. Eu vou dizer a V. o que pude ver no livro,[6] de cá de fora, onde me contenho, porque cá fora reconheço que é o meu lugar, entre os espectadores... de versos.

Gosto do seu fraseado, sadio, forte e original; o próprio assunto da obrinha tem ressaibos de originalidade, mas não sei por que se vê que a originalidade é nativa, não cultivada. Flui das linhas e das entrelinhas, como a fonte de terra porosa, sem ser encaminhada. Olhe, se V., ainda muito novo, mudar porventura o rumo do espírito e quiser fazer originalidades, estou certo de que se estragará: captada, encaminhada a fonte natural, ela já mostrará a indústria humana, que anda geralmente estragando a natureza. O metro... eu não percebo nada de metro; outras técnicas do verso... eu não percebo nada disso. A regência dos períodos, o estilo, o português enfim, eu acho muito bem, talvez tirando um pouco esticado para o arcaísmo vocabular, que é em todo caso apoiado e defendido por muito boa gente. A ortografia será a melhor de todas até hoje conhecidas, se V., na segunda edição do livrinho, dispensar o circunflexo da preposição (ou contração) pela, note que pêlo é substantivo; a partícula é pelo, pela. Foi lapso, bem sei: mas muito repetido, e deu-me na vista.[7]

1. Carta em resposta à dedicatória de MA em seu livro de estréia, de cunho pacifista, *Há uma gota de sangue em cada poema*, publicado em 1917, com as próprias economias do autor, na gráfica paulistana Pocai. Desde esse primeiro trabalho, assinado com o pseudônimo Mário Sobral, MA, ao oferecer seus livros a PLC, contará com a crítica do primo e amigo que anotará nas margens das obras as observações a fazer em cartas ou de viva voz. Na dedicatória em questão, no verso da capa do exemplar recebido, hoje na Biblioteca Pública Municipal de Araraquara, apesar da ação do tempo dificultar a leitura das primeiras frases, ficou:

[...] acolher [...]
[...almente] este [...].
Não sei se lhe será
agradável saber que o
seu tribunal é porven-
tura um dos que mais
[temo]. Agradável ou não
[é] a verdade... e eu sem-
pre amei a luz de



Joaquim de Almeida Leite Moraes, avô de Zulmira e de Mário de Andrade e padrinho de Pio Lourenço.

1917 Pode continuar. Não tenha receio, não há motivo de receio, pelo contrário. Continue, e estude sempre a língua, que ela o merece, e dá margem a longos anos de estudo. Continue, e seja sempre despretensioso, não se preocupe de armar efeito. O efeito aparece sem que V. dele se ocupe, e desaparecerá, fugidio e resvaladiço como um sabonete umedecido, se V. começar de o perseguir.[8]

Ora aí tem V. a voz do sol velhíssimo da verdade, salvo aquela suspeição já acusada; é o sol da verdade porque eu escrevi com sinceridade, pus no papel o que sentia na alma. Ou eu muito me engano, coisa que não me parece provável, mas que reconheço possível por ser V. o Mário e eu o

tio Pio

Carta assinada: "tio Pio"; datada: "Araraquara, 21 de Agosto, 1917"; autógrafo a tinta preta; papel branco, pautado; 3 folhas; 25,3 x 21,7 cm; 2 furos; borda superior irregular; marca de grampo.



todos os sóis, até a do
velhíssimo Sol da
verdade.
Mário
'917 – 16 de Agosto.

No canto esquerdo da folha de rosto, PLC anexou com alfinete a crítica aos poemas, sem título, assinada Veiga Miranda no *Jornal do Comércio* (São Paulo, 15 de agosto de 1917); no verso da página, anexou o artigo MÁRIO DE ANDRADE, de Daniel Santos para *O Trabalho* (Araraquara, março de 1945), noticiando o falecimento do escritor, em 25 de fevereiro de 1945; e à página seguinte agregou a crônica "1916", escrita por Di Cavalcanti para a *Folha da Manhã* (São Paulo, 16 de abril de 1943), em que o pintor relembra o primeiro encontro com MA naquela data. Pio, fiel cultor da memória, anotou a lápis preto, nas margens dos recortes, as indicações bibliográficas.

2. PLC tinha grande admiração pelo pai de MA, Carlos Augusto de Andrade (14 / 9 / 1855 - 15 / 2 / 1917). Filho natural de Manoela Augusta de Andrade e João Velloso, autodidata, foi primeiramente tipógrafo,



Na página ao lado, Maria Luiza e Carlos Augusto em 1895. Acima, os quatro filhos do casal: Carlos, Mário Raul, Maria de Lourdes e Renato.

tornando-se mais tarde jornalista. Em 1879, fundou o primeiro vespertino da cidade de São Paulo, *Folha da Tarde*, juntamente com o irmão, Francisco Augusto de Andrade e, nesse mesmo ano, a *Gazeta do Povo*. Em 1880, passou para *A Constituinte – Orgam Liberal*, cujos proprietários eram Joaquim de Almeida Leite Moraes (seu futuro sogro) e Brasílio Machado. Em 1881, acompanhou o Dr. Joaquim como secretário particular, quando este foi nomeado Presidente da Província de Goiás. Voltando a São Paulo em 1882, abriu a Casa Andrade, Irmão & Cia., papelaria e tipografia. Mais tarde, foi sócio da Tipografia Andrade & Mello. Em 23 de julho de 1887, casou-se com Maria Luísa de Moraes Andrade, filha do Dr. Joaquim. Trabalhou também como contador, prestando serviços no Conservatório Dramático e Musical de São Paulo, onde estudaram seus dois filhos: Mário e Renato. A figura paterna está presente no poema A ESCRIVANINHA (1922) e no conto O PERU DE NATAL (1938-1942), mas é em 22 de janeiro de 1943, em carta à amiga e poeta Henriqueta Lisboa, que MA focaliza seu relacionamento:

> Meu pai foi positivamente um homem estupendo, chegando mesmo a uma excepcionalidade do ser que, por exemplo, minha mãe não tem. Mas é estranhíssimo: eu nunca pude "perdoar" (é bem o termo!) meu pai! [...] Se eu não posso "perdoar" meu pai é nele mesmo e por mim. A raiva que eu tenho dele sem querer deriva em grande parte do excesso de dignidade em que ele me respeitou. Meu pai deve ter sofrido muito, principalmente com o seu

1917



Carlos, irmão mais velho de Mário de Andrade, com a beca de bacharel em direito. Fotografia dedicada a Pio Lourenço e Zulmira. São Paulo, 15 · 10 · 1909.



Mário adolescente.

> complexo de inferioridade. Mas foi de uma honestidade, de uma bondade, de uma dignidade, de uma sobriedade admiráveis. Mas, você quer imaginar incongruência maior! As memórias vão se deformando, vão se falsificando e de repente quando ponho reparo em mim porque me sinto em plena infância, o pai que eu estou me acreditando ter tido é pouco menos que um monstro!

E mais adiante, a mesma carta reflete sobre a figura paterna na criação do ficcionista:

> O mais assustador é que, com freqüência, sobretudo nuns contos na primeira pessoa que ando fazendo ultimamente, eu boto pedaços de meu pai no reconto. Isto é: pretendo, no ato da criação, estar me utilizando de dados me fornecidos pela psicologia de meu pai. Pois é tudo mentira, Henriqueta, nenhum daqueles elementos e casos são tirados da vida de meu pai tal qual ele e ela foram, mas exclusivamente de mim.

(PALÚ, Lauro, org. *Querida Henriqueta-Cartas de Mário de Andrade a Henriqueta Lisboa.* 2ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1990, p. 117-118.

3. O irmão mais velho do escritor, Carlos de Moraes Andrade (9 / 11 / 1889 - 9 / 1 / 1971), formou-se pela Faculdade de Direito de São Paulo e obteve grau de doutor em Filosofia pela Faculdade Livre de Filosofia



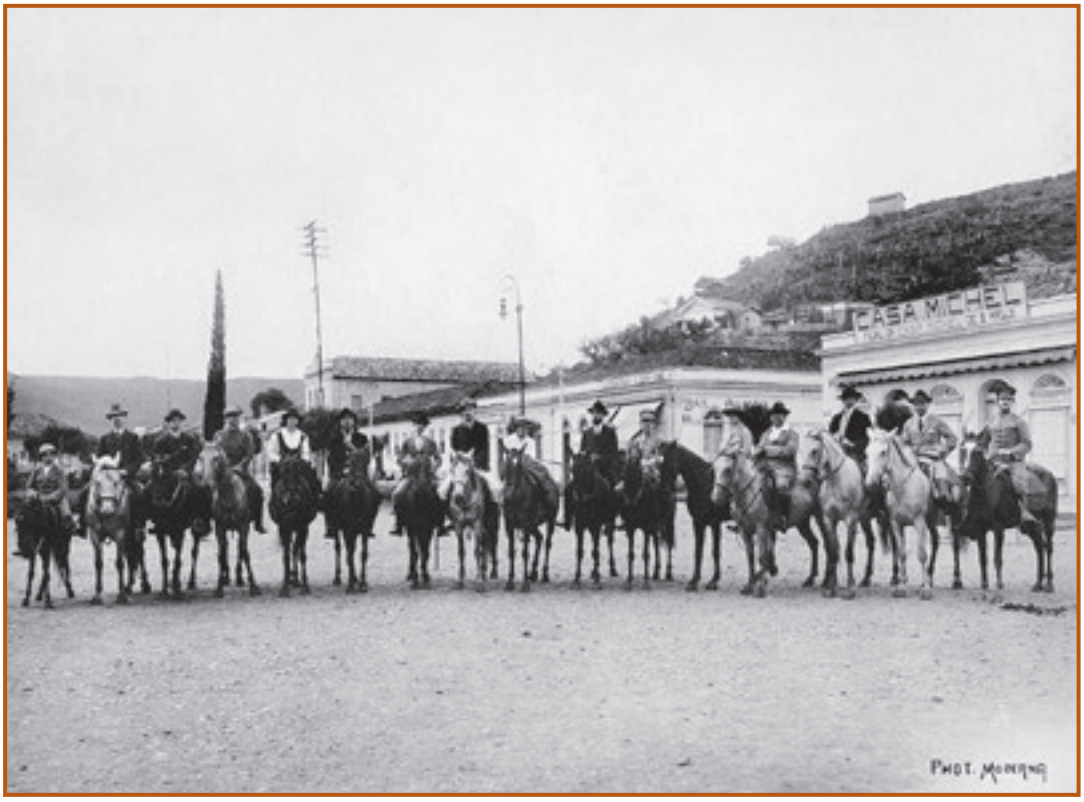
Renato, o primeiro à esquerda, com colegas no recreio do ginásio do Carmo, em São Paulo.

e Letras do Mosteiro de São Bento. Fundador e membro atuante do Partido Democrático, em 1926; foi preso em 1930, sendo libertado com a vitória da Revolução. Em São Paulo, nos anos de 1930-31, tornou-se Delegado da Ordem Política e Social. Participou da Revolução Constitucionalista de 1932, nas frentes de Minas Gerais e do Rio de Janeiro. Em 1934, foi deputado por São Paulo na Assembléia Constituinte e, em 1937 e 1946, deputado federal. Durante o Estado Novo, foi preso novamente. Participou da fundação da União Democrática Nacional – UDN. Após a morte do pai, tornou-se o administrador dos bens da família, como atesta MA, em carta a Manuel Bandeira, de 4 de outubro de 1927:

> Eu sou mesmo maluco e não entendo nada de dinheiro. Imagine que o que o velho nos deixou nem sei direito o que é (minha parte ficou inteirinha nas mãos de minha mãe pra ela viver folgada) nem como está empregado. Meu mano é que trata dessas coisas, chega diz "assine aqui" e eu assino sem mesmo saber o que assino.

(MORAES, Marcos Antonio de, org. *Correspondência Mário de Andrade & Manuel Bandeira*. São Paulo: IEB/ Edusp, 2001, p. 354).

4. Maria de Lourdes de Andrade Camargo (17 / 8 / 1901 - 23 / 4 / 1989): irmã mais nova de MA. Teve educação esmerada, aprendendo francês, inglês e alemão. Até seu casamento, em 1936, dedicou-se bastante ao irmão,



Poços de Caldas entre 1915 e 1918. Mário de Andrade é o sexto da esquerda para a direita; seu irmão Carlos, o décimo. Os outros são: Ary Dias da Silva, Lino Colonna dos Santos, José Dias da Silva Junior, Arthur Leitão, Edith Libre Mesquita, Antonio Manzolillo, Nilo Colonna dos Santos, Maria de Lourdes Leitão, Nelson Leitão, Rosaria Manzolillo, Luiz Manzolillo, Gabriel Dias da Silva, Francisco Coutinho e Manuel Manzolillo. Na página ao lado, Mário no tiro de guerra em São Paulo, no dia 14 de outubro de 1916 e, de novo em Poços de Caldas com os irmãos Maria de Lourdes, em pé, a terceira da esquerda para a direita, Mário o décimo, no mesmo sentido e, sentado, Carlos terceiro da esquerda para a direita.

fazendo-lhe às vezes de auxiliar e secretária, revendo-lhe textos, organizando-lhe o escritório e a biblioteca. Após a morte dele, responsabilizou-se pela manutenção de seu acervo, juntamente com o marido, Eduardo Ribeiro dos Santos Camargo (18 / 11 / 1893 - 9 / 4 / 1966), até a transferência para o IEB-USP em 1968.
5. PLC alude à morte de Renato de Moraes Andrade (6 / 2 / 1899 - 22 / 6 / 1913), aos 14 anos, em conseqüência de uma queda num jogo de bola, na qual machucou fortemente a cabeça. A perda gerou no escritor profunda depressão, superada com a ajuda de PLC, que o acolheu em sua fazenda em Araraquara. Este episódio será relatado em carta ao poeta e amigo Manuel Bandeira, em 29 de maio de 1931:

> O caso típico da minha afetividade foi a morte de meu mano mais moço, que me levou quase pra morte também. Os médicos chegaram a não dar nada mais por mim, médicos de moléstias de nervos e o diabo. Não comia, não dormia e com os sintomas característicos de neurastenia negra, ódio de minha mãe, de todos os meus etc. Foi o bom-senso dum tio, espécie de neurastênico de profissão, que me salvou. Pegou em mim, levou pra fazenda dele, onde ele não morava, me deixou lá sozinho. De tempo em tempo aparecia, perguntava se eu não queria nada. Não queria e ele ia-se embora. Um dia me chegou enfim a curiosidade de saber como era o princípio do cafezal, por trás da casa, fui até lá. Fiz o mesmo no dia seguinte, até mais longe e pra encurtar coisas aqui estou ainda vivo. Só que voltei poeta da fazenda. Sem nunca ter nem me preocupado em ler com prazer os poetas, já mesmo antes de ir pra fazenda, tinha dado em mim essa coisa esquisitíssima, talvez sintoma de loucura; uma mania de fazer versos. Foi assim.
> (MORAES, Marcos Antonio de, org. *Correspondência Mário de Andrade e Manuel Bandeira*. Ed. cit., p. 508).





6. Pio refere-se ao livro de estréia de MA, *Há uma gota de sangue em cada poema*, em 1917.
7. PLC, estudioso atualizado e assíduo da língua portuguesa, é e será sempre um leitor severo e franco da obra de Mário. Profundo conhecedor da gramática, deixou correções e notas em muitos livros de sua biblioteca.
8. A crítica, que havia recebido bem os poemas pacifistas de Mário Sobral (MA), manifestara-se, contudo, contra certos arrojos, na verdade, aberturas para a renovação: versos livres, onomatopéias e pontuação aberta nas reticências, traços que preludiavam o "verso harmônico" de MA em *Paulicéia desvairada* (1922), segundo Telê Ancona Lopez.